

II – ANEXOS

ANEXO Nº 01

DEPOIMENTO: EXPERIÊNCIA DE MAGISTÉRIO DE FILOSOFIA NO 2º GRAU

Prof. João Francisco Regis de Moraes
Instituto de Filosofia – PUCAMP

Devo dizer aos presentes que, se relato aspectos de minha experiência de lecionar Filosofia no 2º grau, faço-o menos pela qualidade intrínseca do fato vivido do que pela delicada época em que o vivi com meus alunos de 1º Colegial, no Instituto de Educação Estadual Oswaldo Cruz de Cruzeiro, Estado de São Paulo.

Nossa experiência transcorreu nos anos de 1970 e 1971, portanto no auge da repressão político-militar. Profissionais da área desapareciam “misteriosamente” e com grande freqüência; havia um pavor generalizado entre os brasileiros e não havia quem se pudesse sentir em segurança. Assim que, considerada a época, a maneira como nos foi dado viver o magistério da Filosofia com adolescentes é que ressalta da experiência que ora relatamos.

Os colégios estaduais das cidades pequenas do interior reúnem, de fato, representantes de todas as classes sociais. Isto fazia com que tivéssemos de adaptar nosso trabalho a grupos discentes caracterizados pela maior heterogeneidade cultural.

Quando fomos principiar nosso trabalho (ano de 1970), enfrentando o receio natural de muitos dos colegas, propusemos um programa de curso que não representasse uma “caceteação” histórico-filosófica, mas que fosse exatamente uma **problematização do existir**. Evidentemente foi necessária muita habilidade para cumprirmos tal proposta. Por exemplo, não podíamos falar em política e valores políticos, mas falamos. De que modo? Lembro-me de que, a partir de um trabalho de motivação baseado na figura carismática de Jean-Jacques Rousseau, desenvolvemos um capítulo sobre as idéias principais deste filósofo. Como era inevitável, tratamos do tema “características da democracia”, sem sequer citar fatos recentes. Ocorre que, por contra-imagem, iam os alunos percebendo que democracia era o oposto do que nos era oferecido. Outro exemplo: tratamos certa vez do julgamento e da condenação de Sócrates, ocasião em que (de forma explicada e orientada) foi lido o livro **Apologia de Sócrates**. Aí tratou-se do respeito pelo cidadão, das características da justiça e da equidade. Eis como, sem falar de política, falamos de política com bastante eficiência para a época.

Um ponto importante que procuramos considerar ao planejar o trabalho que iniciávamos naquele 1970 foi o seguinte: percebíamos que a educação escolar vinha, há muito tempo, sendo um constante responder de perguntas que não foram feitas. Sem dúvida isto introduzia um elemento de irritação na vivência escolar dos alunos. Por esta razão, esforçamo-nos por intuir as áreas de real investimento de interesse dos adolescentes, com os assuntos que tinham maior probabilidade de interessar a eles. Nosso programa de atividades foi feito com tais esforços de intuição; serviram como ponto de partida para um trabalho, e, é evidente, foi sofrendo modificações e aperfeiçoamentos à medida que revelava a nós próprios suas lacunas.

Nesta experiência, que em nós ficou marcada indelevelmente, aprendemos umas tantas coisas que podem ser enunciadas de modo bem prático e direto:

1º — Aprendemos que, como pode acontecer em qualquer disciplina mas é muito mais delicado em Filosofia, o professor de má vontade ou pouca sensibilidade ao mundo do jovem pode “vacinar” definitivamente os alunos contra a Filosofia;

2º — Também assimilamos que é impossível qualquer relação de tipo burocrático com os adolescentes. É de todo necessário, na medida do possível, tomar conhecimento de suas ansiedades pessoais e tratá-los com calor humano;

3º — Aprendemos que é necessário perceber-se o fato de que, na psicologia básica do adolescente, está o primado do afetivo sobre o lógico, e que, quem ignorar isto, fracassará em qualquer trabalho educacional junto a eles;

4º — Descobrimos a dimensão especial que o **cotidiano** assume na vida do jovem, de modo que a Filosofia, para ser-lhe útil e agradável, deve ser uma prática de reflexão voltada para a vida cotidiana.

5º — Também aprendemos que os recursos da Arte (sobretudo da música e da dramatização) devem ser usados para motivar o estudante de 2º grau. Em nosso caso específico, lançamos mão de pequenas peças de teatro escritas por nós mesmos sobre temas filosóficos, ao que apelidamos de “teatro didático”.

6º — Sobretudo foi-nos dado confirmar o que já suspeitávamos: que o adolescente tem um admirável potencial crítico, capaz de revelar-se em plenitude sempre que o auxiliamos a exercer sua crítica com **radicalidade** (no sentido de crítica que vai até às raízes) mas sem quaisquer **sectarismos**. Aqueles que dirigem o jovem para reducionismos ideológicos, desrespeitam-no, possibilitam-lhe um empobrecimento da visão do mundo e agridem a espontaneidade generosa de um ser em formação.

Concluiríamos este relato sucinto, que em nenhum momento pretendeu teorizar intelectualmente, dizendo aos presentes que quando se está disposto a respeitar o mundo do adolescente, não há o que temer. E, segundo nossa experiência tão intensamente vivida, a Filosofia pode ter, sem nenhuma dúvida, um papel de muita relevância na formação de uma juventude capaz de viver avaliando o seu viver.

ANEXO 02

UMA EXPERIÊNCIA DA FILOSOFIA NO 2º GRAU

Prof. Jamil Cury Sawaya

Prof. Ruy Rodrigues Machado

Instituto de Filosofia — PUCCAMP

INTRODUÇÃO

Com a perspectiva da Volta da Filosofia no 2º grau, sobretudo no Estado de São Paulo, animados ainda pelas discussões que o tema tem gerado nos meios acadêmicos, e mais, levando em consideração o Encontro da Filosofia promovido pelo Instituto de Filosofia sediado na PUCCAMP, sentimo-nos encorajados de apresentar nossa experiência pedagógica no 2º grau, realizada no Colégio Sagrado Coração de Jesus e Colégio de Aplicação Pio XII (Campinas).

Apesar dos limites que ela encerra em si mesma e que, por certo, haverá de ser enriquecida com a contribuição do plenário, o nosso desejo foi de disponibilidade e serviço na luta legítima pelo retorno da Filosofia, brutalmente retirada das Escolas.

A nossa prática pedagógica iniciou-se na década de 70, onde compartilhamos de equipes pedagógicas integradas por colegas compromissados com o ato educativo, sofrendo juntos no cotidiano os desafios e os inúmeros riscos da construção de um projeto educacional. Com estas equipes e alunos, descobrimos algumas alternativas que iluminaram nossa práxis na educação.

Assim, o trabalho propõe discutir a importância do filosofar para o jovem do Colegial, sem pretensão de ser modelo, pois o filosofar é tecido no processo.

Apresentamos esta comunicação contendo os seguintes itens:

1. **Considerações Gerais:** problematização do ambiente histórico;

2. A prática da Filosofia na escola particular do 2º grau, onde analisamos a elaboração de um projeto pedagógico e o processo de interdisciplinaridade: Filosofia-História;

3. Uma experiência jovem: na terceira parte, relatamos a participação do jovem na experiência do estudo da Filosofia.

1. CONSIDERAÇÕES GERAIS

O movimento de 31 de março de 1964, que instaurou no país uma nova diretriz política, foi o resultado do fracasso do "pacto político populista".

A política educacional do Governo pós-64 entendeu que espaços da educação anterior colaboravam na subversão da ordem social.

Uma repressão organizada atingiu os vários segmentos da sociedade, numa verdadeira "política saneadora" que erradicaria o "comunismo internacional", ameaça à nossa civilização. Pertencia a esse projeto uma recuperação da Escola, colocando-a a serviço da nova política econômica, firmada na aliança das Classes dirigentes brasileiras e do capitalismo internacional.

Reservava-se à Educação uma triste tarefa, impondo-lhe objetivos como: a eliminação de uma postura crítica diante do subdesenvolvimento, da educação como "ato político", da radical separação comunidade-escola.

Compreende-se a meticulosa organização do Estado para esvaziar as Ciências Humanas, que obstaculizavam as novas exigências impostas à instituição — Escola. O processo não só esgotou as Ciências Humanas na Universidade, como é o caso da Filosofia, mas que permaneceram como História e Geografia, sofreram mutilações e descaracterizações no grotesco ajuntamento em Estudos Sociais.

O professor corria sérios riscos. Inúmeras vezes o professor de História programava seu conteúdo para nunca chegar a abordagem das problemáticas contemporâneas. O de Geografia pautava-se em arrolar o grande potencial natural, porém não explicava que o recurso natural só é utilizável dentro de um projeto político.

O professor de Filosofia tornou-se um narrador das biografias de grandes pensadores, evitando as vinculações políticas, ideológicas, econômicas com a produção filosófica. Era deixado ao aluno a imagem que o filósofo é o homem da "lua". No entanto, pequenos "oásis" resistiram, até mesmo na clandestinidade, não deixando fenecer de vez a ousadia do refletir, em meio a toda essa problemática educacional.

A Escola tornou-se a reprodutora do autoritarismo do sistema, manipulando o professor como vigilante da classe, juiz da "indisciplina" do

aluno, fiel cumpridor do conteúdo quantitativo, detentor do monopólio do saber, defensor perpétuo do dogma, transmissor de conhecimentos acabados para Homens colocados numa atitude passiva e calada.

Possui muita razão o livro “Cuidado, Escola !” – cuidado com a Escola que ensina e estimula a competição e não a cooperação. Cuidado com a Escola, onde o aluno é objeto “cuidadosamente” lapidado pelo imutável conhecimento científico. Cuidado com o silêncio, com a uniformidade falsa e desleal.

Esta Escola não é a Escola que a Sociedade necessita.

A crise na Educação ? É a própria crise espelhada do país.

O esvaziamento das Ciências Humanas realizado em função do modelo econômico, que hoje está sendo ressalvado e questionado pela sociedade civil.

Conscientes do quadro acima descrito, e repensando a Educação como momento crítico entre muitas formas de experiência, uma equipe entendeu outra maneira de agir na Educação, propondo a elaboração de um projeto pedagógico.

2. A PRÁTICA DA FILOSOFIA NA ESCOLA PARTICULAR DO 2º GRAU

2.1. Elaboração de um projeto pedagógico

O nosso encontro com a educação do 2º grau, provocou *indagações, angústias*, questionamentos, gerando uma atitude de suspeita diante da realidade que se vivenciava.

O diálogo com o colega, o confronto das idéias, as divergências ideológicas, exigiram a urgência de mudar. Como mudar ? Seria simplesmente um aprimorar do conteúdo, a exigência de um maior estudo dos alunos, novas metodologias ? ... Vimos que não. A primeira saída que se visualizava, apresentou-se como um desafio, isto porque já esbarrávamos em estruturas que impediam maior disponibilidade para a discussão da problemática.

Apesar dos obstáculos, o problema foi assumido e começamos a entender como é difícil a partilha comunitária da aventura da educação. Assim, germinava o nosso projeto pedagógico, iluminado pela preocupação de recuperar o estatuto da pessoa como ser relacional, responsável pela práxis transformadora da realidade. A viabilidade do projeto se fundamentava na criticidade, como atitude para se reler as múltiplas faces da própria realidade. O diálogo, instrumental de alcance do outro, da História, rompendo o dogmatismo de uma educação e de um saber acabados, buscando assim experimentar uma educação conscientizadora e libertadora como contributo para a transformação social.

A equipe pedagógica entendeu que esse projeto necessitava de uma metodologia científica, capaz de embasar o referencial teórico.

2.2. Processo da interdisciplinaridade: Filosofia-História

Destacamos no desenvolver do projeto, o processo de interdisciplinaridade que possibilitou a riqueza de integrar Filosofia-História da seguinte maneira: Com relação ao objetivo, tanto Filosofia como História, se propunham a trabalhar com postura crítica, os textos e temáticas estudados, nascidos do confronto com o social. Assim, o trabalho com pesquisa, foi possível realizá-lo a partir de uma proposta comum onde o aluno aplicou e transferiu os conceitos fundamentais de cada disciplina.

O nosso encontro com o educando revelou o seu universo marcado pelos mecanismos de controle social, pelos apelos do consumismo, pela massificação ideológica, pela angústia existencial, por uma aspiração de se identificar como pessoa e construtor de um social novo, pela crise de uma cultura alienígena, pelo desarticular dos valores explicitados nas instituições, pelas incertezas da fé e do saber... Esse é o mundo do aluno da Escola particular. Como responder a tal desafio, sabendo que a ação pedagógico-política se inicia numa sala de aula e termina nas muralhas do Colégio? Apesar disso, ousamos sentar com o jovem colocando o educador numa atitude de escuta, de aprender a sua existência, despojando-nos do monopólio do saber, para juntos indagar sobre o sentido de um projeto como tentativa de uma prática político-social. Para tanto, entendemos o conteúdo como meio para viabilização do projeto.

Partindo da 1ª série do Colegial, foi possível elencar os seguintes objetivos:

- Organização da vida de estudo do jovem, para o que lhe foi oferecido metodologia de trabalho. O instrumental permite-lhe utilizar normas fundamentais do pensamento lógico, para desenvolver raciocínio rigoroso, tanto filosófico como científico.

- A integração Filosofia e História, deve-se ao argumento de que é necessário a contextualização do tecido histórico para a compreensão do Pensar Filosófico.

- Assim, o Refletir nomeadamente da problemática brasileira, só se entende na vinculação da própria realidade latino-americana.

Com estes objetivos trabalhamos as temáticas, que destacamos:

1. O Estudo como atitude de compreensão do mundo.

2. A Filosofia enquanto atitude de Reflexão Crítica e Práxis transformadora.

3. Relação Filosofia-Cultura-Ideologia.

4. A Filosofia frente ao mundo do trabalho.

5. Todo projeto filosófico é um projeto antropológico.

No desenvolver das temáticas, a Filosofia discute os temas-problemas significativos do existir do jovem, como por exemplo, o estudo e entendimento crítico do mundo, tendo como subsídios o Estudo Histórico, o qual caracteriza as várias sociedades a partir do marco capitalismo.

Enquanto a tarefa do filosofar procura explicitar dialeticamente a relação consciência ingênua-consciência crítica, fundamentando a ação transformadora pelo desvelamento da elaboração cultural das várias ideologias, a História interpreta a laicização da Cultura como visão burguesa do mundo através do Renascimento, o embasamento teórico-político do Liberalismo.

A reflexão do mundo do trabalho, analisando a contradição Homem objeto-Homem sujeito, portanto demonstrando a situação de alienação e desalienação, é respaldada pela História no momento em que se discute a Industrialização como avanço tecnológico radical da Sociedade.

A discussão da existência em vista do projeto antropológico recoloca o desafio de recuperar o Homem, num mundo marcado pela pluralidade ideológica e flagrantes contradições político-econômicas.

A prática educacional do 1º Colegial serviu para os indicativos das temáticas discutidas no 2º Colegial, com o objetivo de aprofundar o referencial teórico crítico para a continuidade da leitura da realidade. Destacam-se as temáticas:

1. Discussão da corrente Racionalista, a Escola Idealista Alemã e a teoria Positivista.

2. Análise das teorias Socialistas desde as correntes utópicas e o pensamento marxista.

3. As correntes do Existencialismo frente à problemática sócio-política do jovem.

Ao discutir a evolução da proposta racionalista de Homem do séc. XVII chegando no séc. XIX, com a concepção Kantiana da Teoria do Conhecimento e a dialética em Hegel, destacamos o confronto entre as várias concepções de História. A ambientação histórica possibilita a

localização destas correntes do pensamento, analisando as várias ideologias presentes nas Revoluções do séc. XVIII e XIX.

Ao se refletir as concepções de História, destacam-se os momentos de ruptura do pensar filosófico.

O existencialismo discutindo as temáticas: da contingência, da essência e existência alienação; angústia, niilismo, a caducidade dos valores, fragilidade, transcendência e temporalidade, a Existência do outro... propõe ao jovem a releitura da sua existência. A concretidade de tal estudo se faz na reflexão histórica, tratando da questão da Hegemonia europeia, explicitada na moral vitoriana e na "belle époque", na contradição das grandes guerras, na deliberada política de desrespeito à pessoa humana.

O 3º Colegial é o momento da síntese: Realidade Brasileira (tematizada pelo problema) e Pensamento Filosófico.

Pensar em Filosofia no Brasil a partir da caracterização Histórica da sociedade brasileira. Daí os vários questionamentos: como elaborar uma cultura autóctone? Como responder aos profundos desequilíbrios sociais e econômicos? Como concretizar o projeto de um pensar brasileiro?

Estas e outras indagações são encaminhadas a partir de uma reflexão sobre a sociedade brasileira, o pensar uma filosofia de educação, a necessidade da elaboração de novo pacto-político para se conviver democraticamente.

3. UMA EXPERIÊNCIA JOVEM: GEA

3.1. Enquanto se experimentava os abusos do autoritarismo, o esvaziamento das Ciências Humanas, e uma ação organizada para retirar da Filosofia a sua credibilidade junto à sociedade, a nossa ação, embora pequena, foi de permanecer conscientes e resistir, traduzida em várias atividades como, por exemplo, a nossa participação nas Semanas de Estudos, promovidas no Colégio Sagrado Coração de Jesus de Campinas.

A equipe pedagógica denominou as Semanas com a sigla GEA, isto é, Geração, Expressão, Ação, como tentativa de recuperar o significado das Ciências Humanas e o compromisso do jovem com a realidade.

Em 1978, foi realizada a 1ª semana de Ciências Humanas, cuja problemática se fundamentou: "Na necessidade do assumir a Cultura brasileira como expressão de uma geração". O Debate coordenado pelo Prof. Antonio Joaquim Severino: "Ciências Humanas, essas desconhecidas", norteou os outros momentos de reflexão, tais como o cine-fórum sobre o filme "Vidas Secas", o debate sobre "problema de Saúde", "Meios de Comunicação", o papel do teatro na realidade brasileira através da peça "Inclência".

Em 1979, realizou-se a 2ª Semana de Ciências Humanas, tendo como temática a seguinte afirmação: “A Cultura é a expressão de um povo que faz a sua História”. Tal asserção foi a diretriz dos seguintes debates: “A política energética brasileira”, o momento atual brasileiro, a peça teatral “Bicho do Mato”, bem como concurso de músicas e poesias elaboradas pelos alunos.

Em 1980, realizou-se a 3ª Semana de Ciências Humanas, cuja temática foi a seguinte: “O Processo de Libertação do Homem se faz na História, através da Cultura”, que inspirou os seguintes debates: “Problemas de Saúde, os veículos de Comunicação de Massa”, “as muitas faces da marginalização do Brasil”.

Em 1981, a 4ª Semana de Ciências Humanas debateu os temas seguintes: “Cultura brasileira, política econômica brasileira, análise sobre a música popular brasileira”.

A 5ª Semana de Ciências Humanas, realizada em 1982, debateu as problemáticas da cidade de Campinas, tais como Educação, Saúde, transportes, política-urbana”. Realizou-se uma discussão e apresentação da participação do Colégio na História da cidade.

Estas Semanas privilegiaram o processo de reflexão sobre a realidade brasileira nascida do trabalho de sala de aula, cujos aprofundamentos e novos problemas, estiveram presentes nestes Encontros.

3.2. Ao lado das várias experiências, citamos o trabalho de estudo sobre ideologia, elaborado a partir de leitura da evolução da música brasileira e internacional a partir da década de 1950. Exemplificando: A ruptura com a moral vitoriana, estudou-se os Beatles e as suas repercussões políticas na sociedade contemporânea.

Analisou-se a relação conflituosa da realidade brasileira expressa nas “músicas de protestos”.

Com o trabalho assim desenvolvido, o jovem entendeu ideologia, formulando seu conceito ao final do trabalho.

CONCLUSÃO

O nosso trabalho tem o objetivo de, modestamente, contribuir para a discussão da tarefa da Filosofia, recuperando sua credibilidade não só como disciplina, mas também como Reflexão crítica da realidade.

Ao narrar nossa experiência, mostramos a possibilidade de se penetrar no universo do jovem e repensar, com ele, não só o conteúdo programático, mas uma filosofia de educação envolvida pela compreensão do Homem na sociedade, pela abertura de um espaço para o debate no interior da Escola, das múltiplas problemáticas que a própria Instituição reflete, pois a Filosofia não é um saber acabado. Ela emerge do social, das

“relações do Homem com a sociedade, com o mundo e com o outro”¹. Ela se apresenta como atividade histórica na medida que reflete os problemas concretos. Por isso a posição filosófica é um dever, não se fechando a modelos dogmáticos.

Segundo Saviani², a Filosofia é “uma reflexão radical, rigorosa e de conjunto sobre os problemas que a realidade apresenta”, ela refletindo sempre novos problemas realiza o tecido da compreensão e da transformação do social, político e econômico, oferecendo ao Homem uma Cosmovisão. Por isso, “Cumpra engajar a Reflexão Filosófica na compreensão e na explicitação de problemas reais, que efetivamente nos concernem, questões fundamentais para a existência da comunidade. Não basta para justificar a Filosofia o rigor formal, a erudição, o virtuosismo intelectual ou a ilustração do tratamento: é preciso abordar questões realmente relevantes para o existir Humano, tal qual se concretiza e se Historiciza no contexto atual da realidade brasileira”³, conforme afirmação do Prof. Severino.

A nossa experiência nos mostra a necessidade da Filosofia no 2º grau como “uma ferramenta de Trabalho” do jovem que a utiliza para as amarras do saber, no debate para a elaboração de seu projeto existencial, colocando a Educação sobre o crivo da criticidade.

Gostaríamos que esta comunicação fosse discutida (enriquecida), pela prática pedagógica das pessoas presentes, que vivem ou já viveram experiências como Educador ou Educando na árdua tarefa da Educação.

NOTAS

- (1) Maria Tereza Penteado Cartolano — Filosofia no Ensino de 2º grau. Estudo realizado em Escolas de Campinas — Tese defendida na PUC-SP — 1983.
- (2) Educação: Do Senso Comum à Consciência Filosófica — p. 27.
- (3) Antonio J. Severino — “O papel da Filosofia no Brasil: compromissos e desafios atuais” — Reflexão — PUCAMP, nº 17, p. 6.

ANEXO Nº 03

REALIDADE DA FILOSOFIA NO ENSINO DE 2º GRAU, EM CAMPINAS*

Profa. Maria Teresa Penteado Cartolano
Faculdade de Educação — PUCAMP

A filosofia no ensino de 2º grau tem constituído um problema complexo para os educadores e os intelectuais mais conscientes e, como

(*) Esses estudos constituem parte de um trabalho mais amplo, sob o título — Filosofia no Ensino de 2º Grau: Estudo realizado em Escolas de Campinas — apresentado como dissertação de Mestrado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1983.

tal, difícil de ser caracterizado. De um lado, porque temos a convicção de que esse ensino é necessário e fundamental à formação de adolescentes, prestes a se engajar no mundo do trabalho, e, de outro, porque sabemos que a filosofia vem desaparecendo dos currículos do 2º grau.

A realidade educacional gerada pela LDB, 5692/71, incentivando a formação básica profissionalizante acabou por desintegrar o que ainda restava das classes de filosofia. A possibilidade, ainda que remota, de integrar a parte diversificada do currículo como disciplina optativa, por solicitação dos estabelecimentos, é frustrada diante da indicação maciça das disciplinas básicas e instrumentais pelos Conselhos Federal e Estaduais de Educação.

A importância da filosofia no ensino de 2º grau diz respeito ao seu estatuto de discurso de segunda ordem, quer dizer, de reflexão e crítica radical do conhecimento apropriado pelos cientistas, historiadores, sociólogos, filósofos profissionais etc.; da filosofia enquanto pensamento que não se apropria de nada, mas que busca, pelo trabalho de reflexão, a inteligibilidade da experiência (do empírico, do observável, do vivido) e dos problemas levantados a partir dela. A atividade filosófica (no 2º grau) não consiste em construir verdades e sistemas acabados e absolutos, mas ao contrário, acompanhar reflexivamente os acontecimentos da realidade, questioná-los em seus fundamentos e colocá-los sempre como problemas provisórios que emergem de um dado contexto histórico e, a partir dos quais, buscam-se soluções ou surgem novos problemas também provisórios. A filosofia é, como dizia Gramsci (Concepção Dialética da História), não só a descoberta de verdades originais, mas também a difusão crítica, de outras, já descobertas, a sua socialização e transformação em base de ações vitais.

Promover, portanto, a filosofia no ensino de 2º grau significa criar condições para que o jovem reflita criticamente sobre as condições pelas quais ele produz a sua existência, quer dizer, sobre o seu trabalho, sobre as suas relações sociais com outros jovens e outras gerações, sobre a sociedade em que vive. Sendo a prática de pensar a prática, a filosofia procura compreender o conjunto dessa experiência humana.

Mesmo que num primeiro momento, a filosofia no 2º grau se constitua de reflexão sobre experiências individuais, existenciais dos jovens, isto não deixa de ser uma etapa necessária à sua superação crítica e à compreensão da existência em sua totalidade e na multiplicidade de suas determinações (sócio-econômicas, políticas e cultural).

Com este objetivo — conhecer o interesse dos alunos pela filosofia no ensino de 2º grau, em Campinas — procedemos ao levantamento de dados junto a alunos e professores das primeiras, segundas e terceiras séries de escolas particulares e estaduais.

O primeiro instrumento de coleta de dados constituiu-se de vinte temas de estudos, sendo dois para cada uma das seguintes disciplinas: língua portuguesa, matemática, química, física, geografia, história, biologia, O.S.P.B., educação artística e filosofia; eles foram elaborados por especialistas e validados por professores universitários interessados pelos problemas do ensino de uma dessas disciplinas. Apresentado a alunos de terceiras séries de escolas estaduais sorteadas em amostras e que não tinham aulas de filosofia, o questionário previa a escolha e a classificação dos cinco temas mais preferidos, pelos 221 alunos (trabalhamos com alunos com idade entre 16 e 18 anos, de ambos os sexos, dos períodos diurno e noturno).

Realizado o tratamento estatístico adequado aos dados, os resultados indicaram-nos uma preferência acentuada dos alunos pelos temas de filosofia. Independentemente de idade, sexo ou período em que freqüentavam a escola, os alunos classificaram aqueles temas como os preferidos por eles. Mas, diante desses resultados colocamos a seguinte questão: "Até que ponto essa escolha não seria puramente platônica, ideal, alheia aos seus interesses materiais? Até que ponto não seria apenas uma preferência teórica oposta a outra mais pragmática, a do vestibular?"

A aparente contradição existente entre a opção teórica e a escolha prática dos sujeitos é decorrente da própria divisão social do trabalho para a qual a escola contribui muito: o processo de escolarização como um todo é, em si mesmo, discriminador, incentivando uma pseudoprofissionalização que mascara as verdadeiras intenções da política educacional estatal: justifica-se, por exemplo, a nível de sistemas de ensino a exclusão de certas disciplinas do currículo e o incremento de outras, com o objetivo aparente de se dar uma base comum de conhecimentos, em geral técnicos, a uma clientela de jovens que sonha com o vestibular e com o acesso à universidade. Na transmissão de um "humanismo do nosso tempo" não são recomendadas as disciplinas que tratam com problemas da realidade social, política e econômica. Por isso a filosofia não cabe nesse currículo, pois não "profissionaliza" para o mercado de trabalho e, muito menos, "prepara" para o vestibular.

A aparente contradição, portanto, é inerente ao modo de produção capitalista, esperada e justificada a nível da consciência individual, penetrada dos conflitos classistas. A opção profissional em nível médio e superior é uma escolha imposta pela condição de classe e, nesse sentido, não há paradoxo entre a opção teórica e a escolha prática daqueles alunos.

O segundo instrumento de coleta de dados pedia aos mesmos alunos de terceiras séries, que não tinham tido aulas de filosofia, a indicação de um assunto que gostariam de estudar, independentemente, da situação escolar de cada um. Foram selecionados, por agrupamento de

assuntos semelhantes, setenta e dois temas gerais; os que obtiveram porcentagem mais elevada foram os seguintes:

1. manifestações do comportamento humano na sociedade, no cotidiano, no trabalho, no teatro — 14%;
2. manifestações do homem através das artes: música, pintura, arquitetura, fotografia, folclore, arte plástica, artesanato — 12,9%;
3. problemas relativos à saúde do corpo humano — 8,1%;
4. realidade brasileira: história, cultura, economia, política, lutas sociais, arte — 6,6%;
5. planetas, astros e estrelas — 6,6%;
6. estudos de física: eletricidade, aerodinâmica. Fontes alternativas de energia — 6,2%.

As porcentagens de escolhas dos temas de estudo de cada classe e do seu conjunto demonstraram haver uma preferência acentuada por certos temas em detrimento de outros. Por exemplo, o tópico “comportamento humano” obteve a porcentagem mais alta em relação ao todo, sendo indicado como o mais interessante. Da mesma forma, a soma das porcentagens dos seis temas mais escolhidos revelou que cerca de cinquenta por cento dos sujeitos haviam escolhido preferencialmente outros assuntos ligados a problemas concretos do homem, isto é, do homem que vive e participa dos problemas de uma dada sociedade e em certo tempo histórico. Desde uma inquietação natural por conhecer-se a si, aos outros e à sociedade, até uma preocupação com a própria cultura brasileira, foram itens que estiveram presentes nos temas os mais escolhidos.

A realidade dos dados numéricos nos revelou, então, uma tendência marcante por assuntos ligados às manifestações humanas do comportamento. Não seria esta tendência a expressão de uma preferência teórica possivelmente oposta a outra mais prática? Aqui, como nos resultados do estudo anterior, os dados vieram confirmar nossas suspeitas: sob os rótulos de “comportamento humano”, de “arte”, de “cultura”, de “saúde”, de “física”, assinalamos uma preocupação sempre presente, qual seja, a de pôr em questão, para conhecê-lo e compreendê-lo, o comportamento manifestado do homem, e de criticá-lo, de negá-lo como estabelecido e acabado e de buscar soluções para interrogações que inquietam esse mesmo homem. Se houve, por um lado, um interesse por conhecer o ser humano em suas relações com o outro, a sociedade, e mesmo com a natureza, a houve, ao mesmo tempo, um empenho por conhecer a cultura brasileira em seus aspectos histórico, social, político; econômico e artístico.

O homem move-se por interesses e estes não se devem manifestar somente a nível teórico, mas buscar sua materialização na

prática social, uma vez que não podemos admitir atividades desinteressadas e desengajadas. Nesse sentido, o interesse manifestado pelos alunos deve ser concretizado em sua práxis, apesar dos obstáculos criados pela escola e pela sociedade, para a sua realização.

Um terceiro instrumento de coleta de dados com catorze questões abertas, foi distribuído a alunos das primeiras, segundas e terceiras séries de três escolas particulares de Campinas que têm filosofia em seu currículo. As perguntas visavam analisar o curso de filosofia que tais alunos vinham assistindo, assim como o interesse deles pela atividade filosófica. Duzentos e vinte e um alunos que constituíam doze classes, responderam às questões propostas:

1. O que de mais importante você aprendeu com suas aulas de filosofia ? Por quê ?

2. O que de mais fundamental a filosofia ensinou a você ? E o que ela deixou de ensinar ?

3. Você acha que a filosofia é necessária para a sua vida do dia-a-dia ? Por quê ?

4. Acredita que essa disciplina possa ser dispensada do seu currículo, sem prejuízo para a sua formação ? Por quê ?

5. Indique situações concretas nas quais você pode utilizar os conhecimentos adquiridos em suas aulas de filosofia.

6. Dos assuntos que estudou em filosofia, qual o que mais lhe interessou ? Por quê ?

7. Qual o assunto que gostou menos e dispensaria do programa ? Por quê ?

8. Dentre os assuntos que estudou em filosofia, existe algum que gostaria de ter estudado mais ? Por quê ?

9. Há algum tema que gostaria de ter estudado em suas aulas de filosofia e que não constou do programa desenvolvido ? Qual ? Por quê ?

10. O que você precisou “ler” nesse curso de filosofia ? Indique os títulos e autores.

11. Você sentiu alguma integração entre o que estudou em filosofia e em outras disciplinas ? Se não, diga o porquê. Se sim, exemplifique.

12. Relate em poucas linhas como foi o seu curso de filosofia, nesse ano: os assuntos que estudou, a forma pela qual os estudou, as avaliações, o livro didático adotado.

13. Quais foram os objetivos que o seu professor propôs para o seu ensino da filosofia, nessa série ? Acha que eles foram atingidos ?

14. Você pretende fazer Faculdade ? Que curso escolheu ? Por quê ?

À questão nº 01, por exemplo, 40,2% responderam que o mais importante que aprenderam foi o "pensar criticamente", além de aprenderem também, a "refletir sobre problemas da realidade brasileira" (16,2%). Quanto à questão quatro, a dispensabilidade da filosofia do currículo, a maioria dos alunos (82,3%) afirmou que a filosofia não deve ser extinta do currículo do segundo grau, invocando em seu favor várias razões, como por exemplo: porque exercita a crítica e a reflexão, porque ajuda a questionar o mundo, porque é uma disciplina que se volta para o homem. Os alunos que deram resposta afirmativa à questão (9,5%) apresentaram como justificativa mais corrente para a dispensa da filosofia do currículo, ser ela uma disciplina que não visa ao preparo para o vestibular, embora continue sendo uma disciplina "interessante" e que contribui para a "formação intelectual".

Mais uma vez o problema do vestibular é levantado: como via de acesso à universidade, ele passa a determinar as condições de existência dos indivíduos, criando neles "interesses" fictícios que correspondem aqueles da estrutura social do capitalismo e que, no entanto, freqüentemente se opõem aos interesses reais dos alunos.

À questão de número cinco (as situações em que se pode utilizar os conhecimentos adquiridos em filosofia), os alunos responderam: o de relacionamento e debate com os amigos, professores e familiares, o de estudo de outras disciplinas, o de reflexão e análise de problemas de ordem social e política, entre outras situações.

Sem entrar em mais detalhes sobre as respostas às outras questões, esse estudo conduziu-nos a uma importante conclusão: mesmo achando necessária a atividade desenvolvida pela filosofia no segundo grau e, apesar do interesse real que ela desperta, os alunos acabam relegando-a a segundo plano, diante da pressão exercida pelo vestibular, através das disciplinas mais adequadas a esse preparo. Essa situação foi agravada com a implantação do ensino profissionalizante, em 1971, agora, no entanto, em vias de ser reformulado (Lei 7044/82).

É como atividade de reflexão e de crítica de problemas da realidade social, política e econômica que a filosofia deve apresentar-se frente ao ensino profissionalizante e ao vestibular.